

ANÁLISE DOS ATENDIMENTOS DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA NAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE E AS ESTRATÉGIAS PARA MINIMIZAR OS IMPACTOS DA PANDEMIA NO ENSINO PRÁTICO

Palavras-Chave: Ensino médico; COVID-19; Ginecologia e obstetrícia; Atenção Primária à Saúde

Autores/as:

Alice Morellato Haddad [FCM-Unicamp]

Prof.^a Dr.^a Patrícia Moretti Rehder (orientadora) [FCM-Unicamp]

Dr.^a Gislaine Goulart dos Santos (co-orientadora) [FCM-Unicamp]

INTRODUÇÃO:

A pandemia de COVID-19 vem causando impacto direto na formação médica no mundo e no Brasil, evidenciando a necessidade de readaptação do currículo médico à uma nova realidade (SERRA, 2021). Ao mesmo tempo em que muitas atividades foram readequadas para um modelo de ensino remoto de forma bem-sucedida, e sobre os quais foram realizados estudos mostrando a efetividade da transição do ensino presencial para o remoto (SALARI e SEPAHI, 2021), outros componentes do currículo médico são indissociáveis da prática e foram em grande medida impactados pela pandemia em curso (MORETTI-PIRES, 2021).

No Brasil, durante 2020 e 2021, houve uma redução dramática na busca e oferta de serviços de prevenção de saúde e consultas de rotina ambulatoriais no âmbito do SUS, com uma diminuição mensal média de 30% nos números de consultas de rotina realizadas nas Unidades Básicas de Saúde quando comparados aos dados dos anos de 2017-2019. Concomitantemente, houve diminuição na vacinação contra diversas doenças, com declínio médio de 18% do número de doses de vacina administradas, assim como diminuição no número de visitas domiciliares realizadas, sendo 313,878,686 em 2017, 326,151,589 em 2018, 335,877,717 em 2019 e apenas 231,725,756 em 2020 (DE OLIVEIRA et al., 2022).

Ou seja, observa-se que no país as atividades de assistência à saúde da população, foram impactadas de forma negativa pela pandemia de COVID-19, já que o sistema de saúde se viu sobrecarregado com a demanda apresentada pelos casos de sintomáticos respiratórios, sendo que as Unidades Básicas de Saúde, nesse contexto, chegaram em algumas cidades a serem responsáveis por 58% das notificações de casos e pelo atendimento inicial desses pacientes, mostrando que a Atenção Primária foi particularmente afetada por esse cenário (CIRINO et al., 2021). É necessário apontar que, visto a diminuição ao longo dois anos dos números de consultas de rotina dentro das UBSs, espera-se que, no momento atual, ocorra um aumento na procura pelos serviços da APS por parte dos pacientes que deixaram de buscar atenção médica nesses dois anos por conta da pandemia — fosse por falta de acesso ou medo de contaminação com o SARS-CoV-2. O que é ainda incerto é se os serviços de saúde serão capazes de absorver essa demanda adicional nos próximos anos, sem prejuízo aos atendimentos.

O presente trabalho tem como objetivo avaliar quais foram os impactos da pandemia da COVID-19 no ensino de Ginecologia e Obstetrícia na disciplina MD758 e utilizar os resultados como instrumento para auxiliar no melhoramento contínuo desta disciplina e, consequentemente, do ensino médico da Faculdade de Ciências Médicas, sugerindo a manutenção de estratégias aplicadas bem-sucedidas, e a mudança daquelas que acarretaram perdas no ensino.

METODOLOGIA:

Trata-se de estudo coorte de caráter descritivo, que utilizará os dados epidemiológicos da COVID-19 na cidade de Campinas de 2021 e 2022 e das tabulações de atendimentos realizadas pelos estudantes que cursaram a MD758 em 2019, 2021 e 2022 na plataforma Moodle (<https://moodle.ggte.unicamp.br/>). Serão analisados os atendimentos tabulados por 346 estudantes, sendo 115 em 2019, 114 em 2021 e 116 em 2022. Optou-se por não utilizar os dados tabulados pelos

estudantes em 2020 na disciplina pois, nesse ano, todas as atividades práticas durante o 1º semestre foram suspensas, devido ao recrudescimento da pandemia, e os campos de práticas das UBS não estavam recebendo os estudantes de graduação. Nesse ano, a reposição das atividades práticas foi realizada em um período mais curto do que o usual (entre agosto de 2020 e janeiro de 2021). A base de dados para tabular os atendimentos na plataforma Moodle conta com os seguintes itens desde 2019, após a inclusão dos itens sobre pré-natal e exame ginecológico:

- UBS em que os atendimentos foram realizados
- Data do atendimento
- Dia da semana
- Iniciais do paciente
- Número do prontuário/CNES
- Tipo de consulta (caso novo, retorno, pronto atendimento)
- Realizou exame ginecológico (sim/não)
- Realizou pré-natal (sim/não)
- Diagnóstico 1 (CID)
- Diagnóstico 2 (CID)
- Diagnóstico 3 (outros)
- Encaminhamento
- Temas a estudar

Até 2019, os alunos, nos primeiros encontros, podiam atender em dupla ou ser observador do caso atendido na UBS, mas, com o cenário da pandemia, foi necessário mudar essa dinâmica. Os diagnósticos incluídos pelos alunos em cada atendimento realizado foram codificados de acordo com a 10ª edição Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10). O termo “casos novos” se refere à consulta clínica de pacientes sendo atendidas pela primeira vez por alunos da Unicamp, enquanto que “retornos” se referem à pacientes que já passaram por 1 ou mais consultas anteriores por alunos da Unicamp naquela UBS, enquanto que “pronto atendimento” se refere à pacientes que buscaram a UBS com alguma queixa de urgência e foi realizado atendimento mediante disponibilidade, com a consulta sendo mais direcionada.

Serão analisados:

- O número total de consultas realizadas nos anos de 2019, 2021 e 2022, e se há diferença significativa entre os totais
- O número médio de atendimentos realizados por aluno nos anos de 2019, 2021 e 2022 e se há diferença significativa nesse número entre os anos;
- O número médio de atendimentos realizados pelos alunos por dia/encontro em 2019, 2021 e 2022, considerando a redução da carga didática prática na UBS e os dados epidemiológicos da COVID-19 em Campinas nos anos de 2021 e 2022;
- O número médio de pré-natal e exame ginecológico realizados pelos alunos nos anos de 2019, 2021 e 2022, e se há diferença significativa nesse número entre os anos;
- O número médio de consultas de caso novo e de retorno realizadas pelos alunos nos anos de 2019, 2021 e 2022 e se há diferença significativa nesse número entre os anos;
- Os 10 diagnósticos mais prevalentes nos atendimentos nos anos de 2019, 2021 e 2022 e se há diferença significativa nos diagnósticos e na quantidade deles entre os anos e em comparação ao estudo realizado em 2006 (AMARAL et al, 2007).

A análise comparativa dos atendimentos tabulados pelos estudantes possibilitará avaliar a importância da inclusão de novas estratégias pedagógicas para minimizar os impactos da pandemia no ensino prático de GO na disciplina MD758.

RESULTADOS PRELIMINARES E DISCUSSÃO:

No presente momento, só foram analisados os dados dos anos de 2019 e 2021, já que os dados de 2022 ainda estão sendo colhidos, pois a disciplina MD758 está em curso, sendo finalizada apenas no final do mês de outubro. Quanto aos dados dos anos de 2019 e 2021, temos:

Ano	Atendimen- tos	Casos novos	Retornos	Nº de alunos	Média por aluno
2019	1730	947 (54,75%)	783 (45,25%)	115	15,04
2021	505	321 (63,55%)	183 (36,25%)	114	4,43

Tabela 1: Número total de atendimentos, casos novos, retornos e número médio de atendimentos por aluno em 2019 e 2021. Entre parênteses, a proporção de casos novos e retornos em relação ao número de casos totais do mesmo ano.

Note que o número total de atendimentos de 2021 corresponde à 29% do total de atendimentos em 2019, ou seja, houve uma queda drástica no número de pacientes atendidas em consultas de ginecologia e obstetrícia entre os dois anos, sendo que isto fica também evidente dada a grande discrepância no número de atendimentos médios realizados pelos alunos, que em 2019 era de em torno de 15, enquanto em 2021 passou para pouco mais de 4 atendimentos por aluno. Adicionalmente, nota-se que a proporção de casos novos e retornos se alterou, sendo que em 2021 foram atendidos mais casos novos e menos retornos, proporcionalmente ao total de casos, do que em 2019. De Oliveira (2022) coloca como havendo uma diminuição de em torno de 30% no número de consultas de rotina na UBS em 2020-2021 por conta do cenário da pandemia, mas o que vemos no caso dos atendimentos realizados pelos alunos é maior, com uma diminuição de mais de 60% no número de atendimentos em 2021 em comparação com 2019.

A diminuição no número de atendimentos realizados impacta negativamente a aprendizagem durante a disciplina, por proporcionar menor número de contatos entre os estudantes e pacientes e, consequentemente, menor contato com diferentes patologias e diagnósticos, além de menos oportunidades para a prática de técnicas de exame físico e anamnese. Além disso, a menor proporção de retornos sugere que houve menos acompanhamento longitudinal das pacientes, o que também impacta negativamente o ensino, particularmente por se tratar de uma disciplina cujo enfoque é o ensino voltado para a Atenção Primária à Saúde, que pressupõe longitudinalidade do contato e estabelecimento de vínculo entre profissional da saúde e paciente. Adicionalmente, a possibilidade de realizar a continuidade do cuidado do paciente é uma experiência que permite que o aluno, além de desenvolver técnicas e habilidades da prática clínica, a desenvolver relacionamentos profissionais com seus pacientes, além de laços de confiança e aprender o manejo de casos complexos, que necessitam de acompanhamento ao longo do tempo para que se chegue à desfechos e condutas adequadas (ASGAROVA, e. al., 2017).

Diagnóstico	N	%
Consulta ginecológica de rotina (Z01.4)	454	26,24%
Gestação de baixo risco (Z34)	371	21,44%
Planejamento familiar (Z30)	347	20,05%
Rastreamento de câncer (Z12)	247	14,28%
Menopausa (N95)	137	7,92%
Climatério (N95.1)	108	6,24%
Vulvovaginite (N76)	106	6,12%
Rastreamento pré-natal (Z36)	61	3,53%
Sangramento uterino anormal (N93.9)	59	3,41%
Adolescência (Z00.3)	56	3,24%

Tabela 2: Os dez diagnósticos mais prevalentes em 2019. CID entre parênteses. Número bruto de vezes que o diagnóstico foi tabulado (N), e a porcentagem relativa ao total de número de atendimentos realizados neste ano.

Diagnóstico	N	%
Consulta ginecológica de rotina (Z01.4)	143	28,31%
Dismenorreia (N94.6)	85	16,83%
Planejamento familiar (Z30)	58	11,48%
Climatério (N95.1)	53	10,49%
Rastreamento de câncer (Z12)	46	9,11%
Menopausa (N95)	41	8,12%
Obesidade (E66)	41	8,12%
Sangramento uterino anormal (N93.9)	37	7,33%
Dispareunia (N94.1)	36	7,13%
Dor pélvica (R10)	36	7,13%

Tabela 3: Os dez diagnósticos mais prevalentes em 2021. CID entre parênteses. Número bruto de vezes que o diagnóstico foi tabulado (N), e a porcentagem relativa ao total de número de atendimentos realizados neste ano.

Em ambos os anos, apesar da grande diferença no número total de atendimentos, a porcentagem de pessoas do sexo feminino que buscaram o atendimento para “Consulta ginecológica de rotina” foi muito similar, mostrando que essa era uma demanda da população para os atendimentos de GO nas UBSs antes da pandemia, e que se manteve durante esse período, assim como outras demandas, como “Planejamento familiar”, “Rastreamento de Câncer” e “Climatério”, contudo, com todos esses diagnósticos com prevalência expressivamente menor em 2021 do que em 2019. Além disso, temos que a prevalência do diagnóstico de “Sangramento uterino anormal” aumentou, enquanto surgiram com alta prevalência apenas em 2019 os diagnósticos de “Dispareunia”, “Obesidade” e “Menopausa”.

Os dados preliminares mostram que, por mais que em 2019 e 2021 se mantiveram algumas tendências nas demandas das pessoas do sexo feminino em relação às consultas de GO, como a realização de consultas de rotina, outras demandas se alteraram, sendo que o aumento de certos diagnósticos, como a obesidade, podem ser devido à alterações de estilo de vida e de condição emocional durante o período da pandemia, sendo que outros estudos já mostraram que houve uma tendência de aumento do IMC durante a pandemia, especialmente nos períodos de “lockdown”, e com a piora sendo mais aparente naqueles indivíduos que já apresentavam algum grau de sobrepeso ou algum distúrbio alimentar (SIDELI et. al., 2021). Por outro lado, o aumento de outros diagnósticos – como de sangramentos uterinos anormais, menopausa e dispareunia – podem ter ocorrido por conta do represamento da demanda por atendimentos durante os períodos de recrudescimento da pandemia, em que os atendimentos clínicos não emergenciais nas UBSs acabava sendo drasticamente reduzido ou até suspenso por alguns períodos de tempo, por conta da grande demanda de atendimento de pacientes sintomáticos respiratórios.

CONCLUSÕES:

A pandemia de fato afetou o cenário do ensino prático médico nas UBSs e, em um modelo de ensino majoritariamente oportunístico, em que as oportunidades de aprendizado estão diretamente ligadas com o volume e tipo de paciente com o qual o estudante entra em contato, essa redução no número de atendimentos definitivamente teve impacto na formação, ao mesmo tempo em que deixa evidente que este modelo se revela frágil para o ensino em cenários de alteração na oferta e demanda nos serviços de saúde. Fica evidente a necessidade de, cada vez mais, realizar ensino médico baseado em competências, para que possa ser avaliado, objetivamente, se cada aluno cumpriu os requisitos mínimos necessários, e a complementação da prática de ensino com simulações e outras atividades que possam ser padronizadas – que já existem dentro do modelo atual da MD758, mas que

poderiam ser expandidas – garantindo maior igualdade de oportunidades de aprendizagem (ROBINSON et. al., 2022). Vale notar, por fim, que o impacto gerado no aprendizado dos estudantes de medicina ocorre concomitantemente com alterações na qualidade do serviço de assistência à saúde prestado durante o período, já que o menor número de atendimentos significa que menos pacientes puderam ser atendidas e acolhidas neste período.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, E.; ZEFERINO, A. M. B.; NADRUZ, W.; SARIAN, L. O. et al. Successful accomplishment of educational goals with clinical experience at public primary care facilities *Medical Teacher*, 29, p. 6, 2007.

ASGAROVA, S.; MACKENZIE, M.; BATES, J. Learning From Patients: Why Continuity Matters. *Acad Med*, 92, n. 11S Association of American Medical Colleges Learn Serve Lead: Proceedings of the 56th Annual Research in Medical Education Sessions, p. S55-S60, 11 2017.

CIRINO, F. M. S. B.; ARAGÃO, J. B.; MEYER, G.; CAMPOS, D. S. et al. Desafios da atenção primária no contexto da COVID-19: a experiência de Diadema, SP. *Rev Bras Med Fam Comunidade.*, 43, 16, n. 2665, p. 14, 2021.

MORETTI-PIRES, R. O.; CAMPOS, D. A. D.; TESSER JUNIOR, Z. C.; OLIVEIRA JUNIOR, J. B. D. et al. Estratégias pedagógicas na educação médica ante os desafios da Covid-19: uma revisão de escopo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 1, 45, n. e025, p. 9, 2021

OLIVEIRA, M. M. D.; FULLER, T. L.; GABAGLIA, C. R.; CAMBOU, M. C. Repercussions of the COVID-19 pandemic on preventive health services in Brazil *Preventive Medicine*, 155, 2022.

SALARI, F.; SEPAHI, V. Challenges of Virtual Medical Sciences Education during the COVID-19 Pandemic: A Systematic Review *Educational Research in Medical Sciences.*, 1, 10, n. e117948., p. 10, 2021.

SERRA, S. T.; TAQUETTE, S. R.; BTESHE, M.; CORRÊA, L. M. et al. Necessidade de mudanças na educação médica e a percepção de professores antes da pandemia da Covid-19. *Interface (Botucatu)*, 1, 25, p. 1-16, 2021.

SIDELI, L.; LO COCO, G.; BONFANTI, R. C.; BORSARINI, B. et al. Effects of COVID-19 lockdown on eating disorders and obesity: A systematic review and meta-analysis. *Eur Eat Disord Rev*, 29, n. 6, p. 826-841, 11 2021.